

## EPISODIO DOZE

NM/ON: Toda canção conta uma história. E essas 101 canções contam a história de um século do sentimento brasileiro. E de todos nós.

### CABEÇA

NM/ON: Inspiração para casamentos e revoluções, para encontros e separações, trilha sonora da política e da crônica social, na alegria e na tristeza, a canção é um documento da identidade nacional. Ao longo de um século da nossa história, quando uma música tocou muito no rádio, na televisão, nas ruas e nas casas, tocou o coração do Brasil e se tornou a memória do sentimento coletivo que eternizou canções como

Letreiro: PRO DIA NASCER FELIZ, CAZUZA E FREJAT, 1983

NM/OFF: Lançada pelo Barão Vermelho em 1983, “Pro dia nascer feliz” dormia esquecida no segundo disco do grupo carioca até a versão sensacional de Ney Matogrosso chegar às rádios, fazendo o Brasil acordar para a força deste rock cru, viril e hedonista. Renascida por um triz, a música é um autorretrato de um vagabundo assumido, amante insaciável, em uma noite se sessão coruja.

O impacto foi tão forte que despertou o interesse de alguns programadores pela versão original do Barão. Relançada em single, essa gravação mais suja e rascante chamou atenção para a nova banda, levando ao topo das paradas o primeiro dos muitos hits da dupla Frejat e Cazuza.

Rebelde, amoroso, sensível e debochado, Cazuza era um cronista agudo de seu tempo, falando de sexo e drogas numa linguagem original em que amores adolescentes do rock se cruzam com os dramas passionais do samba-canção. Para amplificar o alcance de suas letras, encontrou em Frejat o parceiro ideal. O guitarrista encharcou de rock e blues aquelas crônicas cariocas de uma vida sem rédeas, em que todo dia era a dia, tudo em nome do amor.

Influenciados pelos Stones e incentivados pelo produtor Ezequiel Neves, Frejat e Cazuza se tornaram os Jagger & Richards do Baixo Leblon, enfileirando noitadas e sucessos, como “Bete Balanço”, “Por que que a gente é assim?” e “Todo amor que houver nessa vida”. Em 1985, antes de Cazuza partir para carreira solo, “Pro dia nascer feliz” encerrou o show

histórico do Barão no Rock in Rio celebrando a alvorada da redemocratização com Cazuza enrolado na bandeira brasileira.

NM/ON: Misturando o português ruim do Jeca Tatu e a indolência de Macunaíma, surge um personagem moderno para a mitologia do rock brasileiro. A ironia e o sarcasmo são a nova forma de oposição política e se tornam hinos de grande campanhas populares.

INÚTIL, ROGER MOREIRA, 1984

NEM/OFF: Ainda em 1964, o samba Opinião, de Zé Keti, e Carcará, de João do Vale, iniciaram a reação em cadeia. Resposta ao golpe militar de 1964, as músicas de protesto foram se transformando de acordo com as condições de temperatura e pressão do regime. Nos anos 1970, todas as letras do primeiro time da MPB eram, ou pareciam, de protesto, mesmo as mais inocentes. Quando tudo era levado à sério demais, Raul Seixas fez sua rebelião por meio do deboche e do sarcasmo, achincalhando os valores do Brasil grande e ufanista dos militares.

Em 1983, a ditadura agonizava, aumentando a pressão por eleições diretas para presidente. Em São Paulo, Roger Moreira cantava no chuveiro um roquezinho despretensioso, quando lhe veio à cabeça o refrão com as palavras do pai, condenando sua opção de trocar a faculdade de Arquitetura pela música: “Inútil, você é um inútil”

Abusando intencionalmente dos erros de concordância, generalizou o sentimento de impotência nacional. Éramos todos inúteis, incapazes de votar para presidente e decidir nosso destino.

A música foi citada até pelo líder da oposição Ulysses Guimarães e virou um hino da campanha pelas Diretas Já. Não como um épico, mas como um ultraje, com a multidão cantando pelas ruas e debochando da ditadura agonizante:

Sobe o som

Foi tudo inútil mesmo, ou quase, as Diretas não passaram no Congresso mas a ditadura acabou com a eleição indireta do opositor Tancredo Neves com o apoio de parte da base que sustentava o governo militar. Muitos estão entre nós até hoje, falando em nome da democracia e do estado de direito. Mas aquele roquezinho despretensioso também resiste,

para nos lembrar que a gente ainda não aprendemos a lição e que os políticos continuam os mesmos inúteis de sempre.

NM/ON: Cansado de brigar por uma causa inglória, livre pra amar e viver sem censura, o brasileiro tinha a opção de dançar conforme três tipos de música nos anos 1980. Entre rocks políticos agressivos, e baladas românticas, e a síntese perfeita de Marina Lima e Antonio Cicero.

Letreiro: FULLGÁS, ANTÔNIO CÍCERO E MARINA LIMA, 1984

O Brasil fervia em 1984, assolado por uma crise econômica sem precedentes, mas empolgado com o fim iminente da ditadura. Numa fase de intensa produção musical, descobrimos que, além de inúteis, éramos uns boçais, ouvindo Podres Poderes, de Caetano Veloso. Mas, também havia lirismo e encantamento em baladas românticas como “Fogueira”, de Angela Ro Ro, e “Me chama”, de Lobão. Abraçando os dois extremos, estava outro sucesso que permaneceu, Fullgás, da carioca Marina Lima e seu irmão, o poeta e filósofo Antônio Cícero.

Era um rock leve e elegante, com tempero jazzístico, que funde o sabor brasileiro ao pop internacional, o discurso político ao amoroso e expressa a esperança no Brasil. Seu verso de encerramento celebra de maneira primorosa a união do compromisso coletivo com os desejos mais pessoais e intransferíveis.

Sobe som, vc me abre seus braços

As diversas fusões propostas pela música começam pelo neologismo do seu nome. Fullgas significa viver a pleno vapor diante do caráter efêmero e transitório do tempo e dos sentimentos.

(vale um lettering brincando com as palavras)

Nas divisões rítmicas, o compasso marcante da bateria eletrônica antecipa as conexões com o mundo digital que está por vir. Na outra ponta, a poesia sonora de Antonio Cícero e voz de quente de Marina voltam ao essencial, criando uma atmosfera sensual e envolvente. Sucesso nada fugaz, a música consolidou a cantora como a voz das mulheres de sua geração e uma autora de grande personalidade e estilo. No meio de um

ambiente estético de gosto duvidoso, com roupas exageradas e refrões gritados, Marina era um ícone do bom gosto e da elegância full time.

NM/ON Do som e fúria do rock brasileiro represado pela ditadura surgiu uma nova geração de grandes músicos, que renovaram a linguagem pop com canções que criavam um novo romantismo.

leiteiro: ME CHAMA, LOBÃO

NM/OFF: Em meados dos anos 1970, o carioca João Luiz Woerdenbag Filho, depois de trocar o violão clássico pela bateria e de assumir a identidade de Lobão, integrou a banda de rock progressivo Vímana, ao lado de Lulu Santos e Ritchie. Em 1982, participou do lançamento da Blitz, mas largou escandalosamente o grupo para fazer seu primeiro disco solo independente, Cena de Cinema. Dois anos depois, o sucesso da balada “Me chama”, no álbum "Ronaldo foi à guerra", confirmou o seu talento.

Tudo começou com a frase “nem sempre se vê mágica no absurdo”, que veio à cabeça de Lobão e nela ficou por quase dois anos. Do tormento para a redenção, decidiu transformar a ideia fixa em ponto de partida para uma canção despuadoradamente romântica. Ainda sem letra, Lobão queria descartar a primeira versão da melodia por achá-la vulgar, mas foi demovido por um amigo que via naquela construção simples e popular o embrião de um grande sucesso.

Meses depois, voltando da Holanda, onde deixara sua namorada, Lobão se viu mais sozinho do que nunca, num dia de frio e chuva. Com o telefone cortado por falta de pagamento e por puro tédio, decidiu pintar a sala da casa. Como só podia receber ligações, esperava que o telefone tocasse dando pinceladas nas paredes e na letra sofrida de “Me chama”.

Com versões gravadas quase que simultaneamente por Lobão e Marina, Me Chama foi um sucesso imediato que estabeleceu novo padrão de romantismo moderno e promoveu o mais extraordinário cruzamento entre os gêneros da música brasileira. Fundador de uma estética minimalista, oposta aos excessos do rock brasileiro, João Gilberto emocionou e surpreendeu Lobão duas vezes. Primeiro ao gravar “Me chama”, sussurrando as palavras, acompanhado de violão e cello. E depois, por omitir justamente a frase que inspirou o autor. João não viu mágica no absurdo. Como diz Lobão, nem sempre se vê.

NM/ON: A voz e as palavras de longo alcance ecoaram como um recrutamento. Com os coturnos da estética punk e o peito dilacerado pelo romantismo, Renato Russo comandava a marcha de uma legião de devotos.

Lembrete: SERÁ, RENATO RUSSO, DADO VILLA-LOBOS E MARCELO BONFÁ, 1984

NM/OFF: Inspirada na urgência do movimento punk, com um discurso contundente e libertário, a Legião Urbana foi crescendo na cena do rock nacional até se tornar um movimento de massas. Filhos da revolução e de boas famílias, criados nas embaixadas e nas quadras de Brasília, eram porta-vozes críticos da autodenominada geração Coca-Cola. Mas, além da postura rebelde e combativa dos primeiros discos, o lado lírico e existencialista de Renato Russo foi um fator fundamental para a Legião avançar muito além do rock.

Faixa de estreia do demolidor disco de estreia, “Será” foi o primeiro grande sucesso do grupo nas rádios e permitia diversas interpretações. Os versos iniciais, “tire suas mãos de mim, eu não pertenço a você” soavam como uma ordem expressa de combate à sociedade opressiva. Mas, antes de tudo, era uma poderosa canção de amor, em que o poeta tenta usar da razão para sobreviver à paixão avassaladora que o consome.

Anos depois, Renato revelou que uma das inspirações para a música veio da leitura de “O médico e o monstro”, clássico do século XIX, de Robert Louis Stevenson. Perdido entre os monstros da nossa própria criação, o autor revela que há um pouco de Dr. Jeckill e de Mr. Hyde em cada um de nós.

Será inspirou improváveis regravações nos anos 1990, de Simone ao grupo de pagode Raça Negra, e à bossanovista Leila Pinheiro, estilos diferentes se encontrando na mesma devoção ao hino de Renato Russo. Com o tempo, a dúvida, contida no título de Será, trouxe a certeza da sua permanência. Não era só imaginação.

NM/ON: Da irresponsabilidade juvenil de motoqueiros de Brasília à miséria e misticismo das favelas brasileiras, os Paralamas do sucesso se

afirmavam como uma das grandes bandas da nova geração, integrando rock, reggae e MPB em uma canção que tocou os corações ... e fez todo mundo dançar.

Letreiro: ALAGADOS

NM/OFF: Um dos melhores grupos de rock surgidos nos anos 1980, os Paralamas do Sucesso começaram a se diferenciar da sua geração, a partir do seu terceiro disco, *Selvagem*, de 1986. Crônica social de como vivia, e ainda vive, a população carente no Brasil, a faixa de abertura, *Alagados*, serviu como uma carta de intenção da nova fase do grupo, que nasceu sob forte influência do rock-reggae do Police, mas logo incorporou elementos da MPB tanto na temática como nas levadas rítmicas.

*Alagados* promovia uma perfeita integração do rock com ritmos dançantes do terceiro mundo, onde culturas diferentes vivem a mesma miséria.

No estúdio caseiro, montado no apartamento da avó do baixista Bi Ribeiro, começaram a montar o novo repertório na tentativa de se livrar das algemas do Police. Ao seu reggae branco, os Paralamas acrescentaram a pulsação do dub jamaicano, novos ritmos dançantes de Salvador e muito afropop contemporâneo.

A partir de levadas de baixo e riffs de guitarra, apostavam nos grooves, formatando cada composição antes de pensar nas letras, que tiveram que versar conforme a música.

A inspiração para *Alagados* veio do breve período em que o paraibano Herbert Viana estudou arquitetura na Ilha do Fundão. Passando diariamente em frente da Favela da Maré, identificou uma paisagem miserável semelhante à das palafitas de *Alagados*, em Salvador, e a de *Trenchtonw*, na Jamaica.

A perfeita fusão de forma e conteúdo, a diversidade de gêneros e a crítica social, na década seguinte abriria as portas para grupos como Chico Science & Nação Zumbi, Mundo Livre SA, Skank e o Rappa.

NM/ON Depois de muito tempo na gaveta, a composição amarrotada não resistiu a uma repassada do mestre. Sucesso de efeito retardado na voz de Zeca Pagodinho, se tornou um hino do samba romântico batendo no ritmo dos caprichos do destino.

Letreiro: CORAÇÃO EM DESALINHO, MONARCO E RATINHO, 1986

Esquecida no álbum de estreia de Zeca Pagodinho em 1986, essa canção, enfim, deu samba com uma nova gravação para o seu disco *Ao vivo* de 1999. Já convertido num clássico, “Coração em desalinho” voltou em versões de Maria Rita e Leila Pinheiro como uma das pérolas da parceria entre o mestre Monarco e Ratinho.

Criador da linda melodia e da primeira parte da letra, Monarco registrou “Coração em desalinho” em nome do seu filho, o também compositor Mauro Diniz, porque dizia estar com problemas com a editora que administra as suas composições. Além da burocracia, enfrentou uma longa provação até os créditos do sucesso pingarem na sua conta. Monarco começou a escrever a música em 1981, pensando na disputa do samba enredo da União da Ilha para o carnaval seguinte. Mas, não a terminou, ao conhecer e se encantar com um samba concorrente.

Treze anos depois, começou a mexer na letra e chamou Ratinho para fazer a segunda parte. Ratinho é a prova de que português também faz samba, e muito bem. Vindo do Douro para o Rio ainda menino, ganhou seis disputas de samba na Caprichosos de Pilares e é o autor de outro sucesso de Zeca, “Vai vadiar”.

A disputa por “Coração em desalinho” se deu nos bastidores. Samba pronto, Monarco pretendia oferecê-lo a Martinho da Vila, mas foi convencido pelo produtor Milton Manhães a apostar num jovem talento. E assim, numa estrada dessa vida, o destino de Zeca Pagodinho se encontrou com um clássico do samba.

NM/ON: Antes a música de oposição pedia liberdade e democracia, depois passou a ridicularizar pelo humor e o sarcasmo, e finalmente lançou uma nova plataforma política que ia além, exigindo comida, diversão e arte.

Letreiro: COMIDA, ARNALDO ANTUNES, MARCELO FROMER E SÉRGIO BRITO, 1987

NM/OFF: Lançada pelos Titãs em seu quarto álbum, *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*, “Comida” se tornou uma das mais músicas mais

emblemáticas do espírito da banda. Cantada por Arnaldo Antunes, replicada pelo coro de uma ópera punk-rock-teatral, a música explodiu como uma nova forma de manifesto político e social anárquico, muito além dos slogans ideológicos e dos lugares comuns da rebeldia juvenil. Entre o rap e a declamação poética, famintos por diversão e arte, os Titãs metralhavam os versos antológicos de uma das melhores letras da década.

Sobe o som

Demorou até Comida sair do forno com o sabor de uma iguaria rara. Arnaldo trouxe a ideia central e a frase mãe, mas não conseguia avançar além do “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”. Já com o grupo em estúdio, trabalhando no repertório do novo álbum, mostrou a frase ao guitarrista Marcelo Fromer e ao tecladista e cantor Sérgio Brito. Juntos, criaram a melodia e completaram a letra, mas a comida ainda soava sem tempero. Adicionados novos versos e um fraseado musical marcante no teclado, ainda não estavam convencidos do melhor arranjo. Na hora de gravar, chegaram a tentar uma versão acústica, mas só acertaram a mão com um funk eletrônico pesado, produzido por Liminha e inspirado em Prince.

Comida foi uma das primeiras músicas de um grupo de rock adotadas por intérpretes da MBP. Depois do sucesso com Marisa Monte foi cantada por Maria Bethânia, Ney Matogrosso e até pelo Exaltassamba.

ENCERRAMENTO

NM/ON: Na verdade, não existem as melhores canções, as mais bonitas ou as mais importantes, essas 101 que tocaram o coração do Brasil representam a qualidade e a diversidade de gênios e de gêneros na música brasileira, que fizeram delas a trilha sonora de nossa história. Entre amores e despedidas, dramas e alegrias, golpes e esperanças, nossa série está terminando, mas a música brasileira continua. No próximo e último capítulo, Cazuza desafia o monstro a mostrar sua cara, Carlinhos Brown dá um soco na cara do fraco e Marcelo D2 faz o encontro do rap com o samba. Mais importante do que encontrar a batida perfeita, é seguir buscando. Os românticos não precisam se afobar porque nada é pra já.